



ATAS
III ENCONTRO DE
**HISTÓRIA
DE LOULÉ**



ARQUIVO
MUNICIPAL
DE LOULÉ 

ATAS
III ENCONTRO DE
**HISTÓRIA
DE LOULÉ**

CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
ARQUIVO MUNICIPAL
2020

FICHA TÉCNICA

Título: Atas do III Encontro de História de Loulé

Coordenação: Nelson Vaquinhas

Autores:

António Rei

Carla Vieira

Catarina Almeida Marado

Catarina Viegas

Elsa Santos Alípio

Fernando Luís Gameiro

Irene Vaquinhas

Luís Miguel Duarte

Marco Alexandre Ribeiro

Maria da Graça A. Mateus Ventura

Maria do Rosário Barbosa Morujão

Maria Luísa Gama

Paulo Alexandre Morgado e Cunha

Rui Roberto de Almeida

Saul António Gomes

Sérgio Ribeiro Pinto

Susana Sofia Cunha

Paginação: SI

Capa: Susana Leal

Imagem da capa: Monumento ao Engenheiro Duarte Pacheco

Imagem da contracapa: Frontispício do Foral de Loulé de 1504

Edição: Câmara Municipal de Loulé - Arquivo Municipal

Local de edição: Loulé

Data de edição: 2020

Tiragem: 400 exemplares

Impressão: Rainho & Neves

ISBN: 978-989-8978-13-4

Depósito legal: 477288/20

Os textos publicados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

O uso do Acordo Ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

ÍNDICE

ARQUIVOS E MEMÓRIAS

A Academia Real das Ciências de Lisboa, Fr. Joaquim de Santo Agostinho e os arquivos do Algarve nos finais do século XVIII: o caso de Loulé
Maria do Rosário Barbosa Morujão 7

José Mendes Cabeçadas Júnior: um percurso em defesa da República.
Espólio e memórias de um louletano
Elsa Santos Alípio 27

Um fotógrafo louletano em Évora: a coleção David Freitas
do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Évora
Susana Sofia Cunha 57

TERRITÓRIO E ECONOMIA

O sítio romano de Loulé Velho e o paleoestuário da Ribeira de Carcavai
(LORIVAI): perspetivas e primeiros resultados de um projeto de investigação
Rui Roberto de Almeida, Catarina Viegas 69

Produções agrícolas, alimentação e cura em *al-'Uliyà / Loulé*, entre
os séculos VIII - XIII. Contributos para um tema no Garb al-Andalus
António Rei 89

O Livro do Pagamento da Fruta de Loulé (século XV):
continuar as perguntas
Luís Miguel Duarte 101

ENSINO E RELIGIÃO

Os professores da Universidade de Coimbra naturais
de Loulé (séculos XIX e XX)
Irene Vaquinhas 111

Alfabetização e trajetórias escolares a Sul.
O caso de Loulé (séculos XIX e XX)
Fernando Luís Gameiro 125

- A extinção das casas religiosas de Loulé: inventariação, avaliação e destino dos seus bens
Catarina Almeida Marado **145**
- A administração pública paroquial louletana na Monarquia liberal. A origem geográfica do clero paroquial de Loulé (1850-1910)
Sérgio Ribeiro Pinto **161**

ADMINISTRAÇÃO E PODERES

- Loulé e o seu almoxarifado na primeira metade de Quinhentos
Saul António Gomes **181**
- Participação Cívica e Poder em Loulé na Idade Média
Paulo Alexandre Morgado e Cunha **199**
- Loulé, um Condado fugaz. Os Condes de Loulé (1471-1534)
Marco Alexandre Ribeiro **211**

INDIVÍDUOS E INSTITUIÇÕES

- Dúvidas de sangue. Para um estudo da actuação inquisitorial sobre suspeitos de judaísmo em Loulé no século XVII
Carla Vieira **227**
- Francisco Barreto, natural de Quarteira, General da Armada do Callao (Lima, Peru)
Maria da Graça A. Mateus Ventura **245**
- A comunicação política da Intendência Geral da Polícia para o sul do país: o caso de Loulé nos finais do Antigo Regime
Maria Luísa Gama **257**

Um fotógrafo louletano em Évora: a coleção David Freitas do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Évora

Susana Sofia Cunha*

*Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

Resumo: A fotografia assume-se como um importante documento social para o estudo dos séculos XIX e XX, na medida em que potencia a transmissão, conservação e valorização das atividades políticas, sociais e culturais do homem.

Pretende-se dar a conhecer a coleção de fotografia David Freitas e o seu papel fundamental na construção da memória coletiva. David Freitas, natural de Loulé, desempenhou um papel de particular importância na ilustração da história da cidade de Évora entre as décadas de 1940 e 1970. A sua coleção, adquirida em 2000 pela Câmara Municipal de Évora, foca sobretudo aspectos da cidade, existindo, no entanto, conjuntos de imagens de outros concelhos do Alentejo e do Algarve, nomeadamente Loulé. A coleção inclui um grupo temático bastante significativo que corresponde ao levantamento de Bens Culturais Móveis e Imóveis realizado, em colaboração com Túlio Espanca, para o Inventário Artístico do Distrito de Évora, entre 1966 e 1978.

Palavras-chave: Arquivos Fotográficos; David Freitas; Conservação de Fotografia.

Introdução

Presente em vários arquivos e bibliotecas, a fotografia deve ser encarada como um documento com necessidades de tratamento e descrição próprios. O carácter polissémico e subjetivo da fotografia, bem como os diferentes tipos de processos, suportes e materiais que a constituem, têm vindo a dificultar a implementação de políticas e procedimentos comuns ao nível da sua gestão, tratamento, descrição e conseqüente recuperação. Não existe, até ao presente, um modelo de gestão da informação específico e comum a todas as instituições que detêm coleções fotográficas, sendo utilizados os modelos existentes para descrição de documentos de arquivo, bibliotecas ou museus, ou ainda modelos próprios construídos por cada instituição, com base nas normas, orientações e legislação nacional e internacional, e em função dos seus objetivos e dos seus utilizadores. Estes desafios sobre os processos de representação de imagens tornam-se ainda mais complexos quando transpostos para o ambiente digital, virtual e principalmente aberto a construções colaborativas.

As funções principais dos arquivos fotográficos são tratar, conservar e difundir a sua documentação, seja para fins de investigação, didáticos, comerciais ou meramente pessoais. Um arquivo fotográfico pode ser constituído por vários tipos de acervos ou coleções. Se estivermos a falar do arquivo fotográfico de uma instituição pública, este

pode conter imagens produzidas no âmbito da sua função institucional (por exemplo, uma câmara municipal, que possui imagens relativas a obras públicas, protocolo, instalações, comemorações e festividades...) e imagens especialmente adquiridas com a função de divulgação e preservação dos fotografos e património locais, ou ambas.

Um dos pontos essenciais ao adquirir uma nova coleção consiste em avaliar o conjunto, questionar o seu interesse para a instituição e ponderar a decisão de aceitar ou recusar, fundamentada na missão da instituição, seus objetivos e público-alvo¹. Partindo da noção do princípio de territorialidade dos arquivos², é natural que determinada instituição tenha interesse em ter à sua guarda coleções que sejam originárias da região. É o caso do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora (AFCME), que procura incorporar coleções de fotografos eborenses/ alentejanos ou cujos trabalhos se centrem nesta regionalidade.

O AFCME pertence à Divisão de Cultura e Património da Câmara Municipal de Évora (CME) e foi oficialmente inaugurado em 25 de Novembro de 2001, embora funcionasse como polo agregador e difusor de documentação fotográfica há vários anos. Tem como objetivos proteger o património fotográfico local, recolher a produção fotográfica contemporânea e histórica, divulgar e promover as coleções próprias, incluindo o atual acervo fotográfico da CME, e disponibilizar à consulta pública essas mesmas coleções. Paralelamente, promove exposições e eventos na área da fotografia e apoia e incentiva a realização de estudos e investigações no campo da história da fotografia local.

O AFCME tem à sua guarda cerca de 500 000 espécies fotográficas, integrando coleções de grandes fotografos portugueses contemporâneos, como Eduardo Gageiro, Luis Pavão, Gérard Castello-Lopes ou José Manuel Rodrigues, bem como fotografos eborenses ou com presença marcada em Évora, como António Passaporte, David Freitas, Eduardo Nogueira, Artur Pastor, Marcolino Silva, Carlos Tojo, entre outros. No AFCME encontram-se, também, sob a forma de depósito, coleções provenientes de instituições privadas, como o Grupo Pró-Évora (uma das primeiras associações de defesa do património português) e a Sociedade Harmonia Eborense, bem como doações de particulares.

David Freitas: seu percurso na arte de fotografar

David Freitas (1902-1990) era natural de Loulé. Em 1919, residindo a família no Barreiro, começou a trabalhar nas oficinas dos Caminhos de Ferro do Sul. Inicia a sua carreira militar em 1923, em Faro, ingressando no exército como aprendiz de músico. Passa depois por Lisboa, Setúbal, novamente Faro e por fim, Évora. É durante o serviço militar que completa os seus estudos de música, sendo promovido a 1º sargento músico.

A sua grande paixão era a fotografia que, segundo Gil do Monte (1974), terá iniciado como amador aos 14 anos. A leitura exaustiva das suas agendas diárias³ não nos permite confirmar esta informação, já que a primeira referência à prática da fotografia

1. Pavão (1997) ressalva que nem todas as coleções têm o mesmo interesse para todas as instituições. Cada instituição deve elaborar um parecer acerca da coleção em causa, nomeadamente se é pertinente adquirir toda a coleção ou só parte dela, independentemente se esta é doada, comprada ou colocada em depósito. Mesmo coleções doadas implicam custos para a instituição na medida em que consomem horas de trabalho aos funcionários, consomem materiais de acondicionamento e irão ocupar espaço de armazenamento nos depósitos.

2. Rosseau, J., & Couture, C. (1994). *Os Fundamentos da Disciplina Arquivística*. Lisboa: Publicações D. Quixote

3. As agendas pessoais de David Freitas (1919-1940) foram disponibilizadas em 2003 ao AFCME por um familiar, aquando da investigação para a exposição "Évora – Património e memória na obra de David Freitas". Através da sua leitura foi-nos possível perceber não só o seu dia-a-dia profissional e pessoal, mas também o seu percurso enquanto fotógrafo e identificar algumas das imagens da coleção.

data de 1932, quando David Freitas refere ter passado "(...) o dia entretido em casa a tirar provas de umas fotografias que tirei em 30/5 e em 3 do corrente com uma máquina que me emprestou o Amadeu Santos"⁴. Se já tinha tido alguma experiência anterior não o mencionou nos seus diários, mas é certo que quatro dias depois compra uma máquina fotográfica para si: "Comprei hoje uma máquina fotográfica de marca 'Zeiss Ikon' que é uma Ikonta 3x4cm, com objectiva 'Novar' 1:63 foco de 5cm. Custou-me 230\$00"⁵. O seu interesse pela fotografia intensifica-se a partir de 1934, em Faro, possuindo já uma câmara escura em casa, construída por si: "(...) às 10:30 fui com o meu colega Penha a uma estância de madeira comprar material para fazer uma câmara escura para as minhas fotografias (...)"⁶. David Freitas, que continuava ligado à música, dando aulas, participando no grupo coral, no orfeão, em orquestras de jazz e em bandas filarmónicas, fazia reportagens a título pessoal e fotografava os seus colegas e os militares do seu batalhão. Temos a informação de que havia a intenção de instalar uma câmara escura no quartel, para o qual David Freitas foi chamado a dar a sua opinião e que teria sido criado um gabinete fotográfico do batalhão⁷. Começou, também, a fotografar aspectos da cidade que vendia para fazer postais, trabalhos que lhe permitiam complementar o rendimento familiar.



Figura 1- Avenida Costa Mealha
(propriedade AFCME, cota DFT7154)

-
4. Agenda de 1932, entrada do dia 6 de Junho.
 5. Agenda de 1932, entrada do dia 10 de Junho. A partir desta data assistimos a um interesse crescente pela fotografia, demonstrado pela compra de equipamentos acessórios para uso pessoal, como por exemplo um ampliador: "De tarde entreti-me a preparar uma câmara ampliadora de fotografias para meu uso em casa" (agenda de 1933, entrada do dia 8 de Maio).
 6. Agenda de 1934, entrada do dia 10 de Abril. Ainda acerca da construção da sua câmara escura escreve "(...) passei o dia entretido em casa a terminar a minha câmara escura (...)" e "(...) à noute [sic] não sai, e entreti-me a revelar fotografias, experimentando assim a câmara escura que fiz, e que ficou boa" (agenda de 1934, entradas dos dias 7 e 16 de Maio, respetivamente).
 7. "As 13 fui ao quartel, chamado pelo tenente Cortes para me encarregar de observar uma máquina fotográfica, e dar o meu parecer sobre a montagem de uma câmara escura para trabalhos fotográficos, no quartel" (agenda de 1935, entrada do dia 1 de Abril).

Participa, também, em vários salões de artes fotográficas e concursos de fotografia⁸. A par disto, mantinha-se informado e exigente quanto à indústria fotográfica, assistindo a apresentações de papéis fotográficos, produtos químicos e máquinas fotográficas, tendo mesmo adquirido um ampliador automático para seu uso pessoal⁹.

Em Dezembro de 1939 é transferido para Évora, ficando afeto à banda da Infantaria 16, do Regimento de Cavalaria 3¹⁰. Acerca desta mudança, escreve David Freitas: “Évora – Tempo frio: dia bonito. Fiz uma boa viagem: cheguei a Évora às 6H30. Depois de ir ao quartel-general fui apresentar-me ao Regimento de cavalaria 3 onde a banda que pertence á Infantaria 16, está adida. Fui depois arranjar pensão. Apesar das péssimas informações que me deram da cidade, o primeiro contacto com a vida de Évora, impressionou-me bem: rica de monumentos, é um verdadeiro museu arqueológico que dá á cidade um aspecto grave, austero. De tarde ouvi a banda no jardim, que é bonito e grande. A pensão que arranjei não me agrada. Amanhã mudo-me. Deitei-me ás 22, 30”¹¹. David Freitas alugou posteriormente uma casa na Rua Nova, para onde se mudou com a família em Janeiro de 1940.

Nesse mesmo ano começa a trabalhar em fotografia para a Livraria Nazareth. O seu trabalho é rapidamente reconhecido, sendo publicado, nomeadamente, na Revista *Objectiva*: em Fevereiro de 1942 a fotografia “Pastor Alentejano” merece destaque, acompanhada do comentário “David Freitas amador de reconhecido mérito tem um lugar à parte entre os que na linda cidade Museu se dedicam à fotografia. Agradecemos-lhe a gentileza de ter emprestado à *Objectiva* a graça e o belo de uma das suas mais recentes produções”.¹²

Será sensivelmente nesta altura que trava conhecimento com Túlio Espanca, com quem virá a trabalhar no Inventário Artístico do Distrito de Évora.

Profissionalizou-se em 1946, após a reforma do exército e vai dirigir, a convite de António Nazareth, a Fotografia Nazareth, passando a ser proprietário da mesma em 1958. Nos anos 60 abre o seu próprio estabelecimento – Freitas Lda. -, onde irá desenvolver a sua atividade até meados da década de 1970. Viria a falecer em Elvas, em 1990, cidade para onde se mudou após a venda da firma, em 1976.

A Coleção David Freitas

A coleção foi adquirida pela Câmara Municipal de Évora em 2000, através da compra ao proprietário, à data, da Óptica Freitas (antigo sócio de David Freitas). Aquando da sua incorporação, a coleção encontrava-se instalada em 9 caixas de cartão e contraplacado, encontrando-se as espécies fotográficas agrupadas numa grande mistura

8. “Mandei para Lisboa 5 provas fotográficas 18x24 para a exposição e concurso nacional da fotografia, organizado pelo jornal ‘O Seculo’ (...)” (agenda de 1936, entrada do dia 2 de Março).

9. “À tarde chegou a ampliadora automática que mandei vir há tempos para meu serviço na câmara escura: é uma ‘auto-focus-kodak’. Custa 1300\$00. Não me agrada (...)” (agenda de 1939, entrada do dia 3 de Junho). De facto, David Freitas não terá ficado satisfeito com a compra: “Encaixotei a ampliadora que tinha comprado e devolvi-a por não me agradar” (agenda de 1939, entrada do dia 12 de Junho).

10. “Às 12 horas fui ao quartel saber que tinha sido colocado na banda de Évora, para onde vou transferido no dia 30” (agenda de 1939, entrada do dia 27 de Novembro).

11. Agenda de 1939, entrada do dia 1 de Dezembro.

12. Informação recolhida no âmbito da preparação da exposição “Évora – Património e memória na obra de David Freitas” (2003), gentilmente cedida por Cármen Almeida, coordenadora do Arquivo Fotográfico da CME.

de formatos e processos fotográficos, intercalando suportes em vidro, com suportes plásticos ou de papel. Não se identificou uma forma de organização coerente ou uma numeração original e embora alguns dos envelopes tivessem inscrita a identificação das imagens, verificaram-se frequentemente erros nessa identificação. Supõe-se que tenha havido manipulação das caixas por anteriores proprietários e curiosos, pelo que se perdeu qualquer eventual organização original. Não se encontraram cadernos ou folhas descritivas das imagens ou da numeração. Assim, assumiu-se alguma liberdade para agrupar esses conjuntos identificados, não perdendo nunca a informação inscrita nos envelopes, no verso das provas, ou outra (informação que foi transferida para a base de dados de trabalho)¹³.

Após o tratamento (limpeza, acondicionamento e descrição) a coleção foi organizada em 950 “documentos”¹⁴. É constituída por 6 470 espécies fotográficas, em que predominam os negativos de vidro (formatos 6x9cm e 9x12cm), encontrando-se também negativos em película de acetato de celulose e nitrato, bem como negativos 35mm (cores e preto e branco), diapositivos e provas originais. A coleção encontra-se tratada e parte das imagens digitalizadas, estando disponível à consulta do público.

A maioria das imagens detidas pelo AFCME, realizadas entre finais da década de 1930 e 1976, referem-se à cidade de Évora, havendo, no entanto, conjuntos significativos de outros concelhos do Alentejo, de outras zonas de Portugal e de outros países. Encontram-se, na coleção, grandes grupos temáticos, tais como aspectos da cidade e do concelho, reportagens várias, levantamentos de obras municipais e equipamentos industriais e urbanos e exemplos de atividades sociais (retratos de família, festas, feiras, etc.), constituindo-se como uma ferramenta essencial para a compreensão da história da cidade no século XX.

O grupo temático mais significativo diz respeito ao levantamento de Bens Culturais Móveis e Imóveis realizado, em colaboração com Túlio Espanca, para o Inventário Artístico do Distrito de Évora, entre 1966 e 1978. Após um exaustivo estudo desta obra, foi possível aferir que 826 imagens desta coleção estão publicadas no Inventário Artístico e várias dezenas de imagens são tomadas de vista semelhantes, preteridas, talvez, pelos apurados critérios estéticos de David Freitas e de procura de rigor histórico e artístico de Túlio Espanca. Encontramos, também, imagens publicadas no Boletim da Junta Distrital de Évora (seis imagens publicadas nos anos de 1961, 1962 e 1965) e na Revista ‘A Cidade de Évora’ (uma imagem, publicada em 1953)¹⁵.

Em Junho de 2003 parte da coleção esteve patente na exposição “Évora – Património e Memória na Obra de David Freitas”. Pretendeu-se, simultaneamente, evocar a memória de Túlio Espanca, dez anos após a data da sua morte, destacando algumas das imagens feitas propositadamente para o Inventário Artístico do Distrito de Évora.

13. Esta informação foi obtida do Relatório de Pré-Inventário da Coleção David Freitas, elaborado pela equipa de conservação do AFCME (documento interno, não publicado).

14. Um “documento” consiste num conjunto de imagens que fazem sentido entre si (por exemplo, uma reportagem feita por um fotógrafo em determinada data, um conjunto de imagens que o fotógrafo escolheu para uma publicação, etc.). Este nível é o que em arquivística se designa por “série”, isto é, uma divisão de peças ou de unidades de instalação que cobrem aspectos de uma mesma função, atividade ou assunto dentro de um fundo (Rosseau & Couture, 1994).

15. Estas foram as imagens identificadas à data do tratamento da coleção, não sendo de descartar a hipótese de haver outras publicadas nestas obras ou outras.

Imagens do Algarve na coleção do AFCME

Sendo natural de Loulé e tendo residido em Faro até 1939, não é de estranhar que se encontrem imagens da região na coleção existente no AFCME, sobretudo anteriores à sua ida para Évora. Efetivamente, identificámos 15 documentos sobre o Algarve, que se traduzem em 89 imagens. Destas, um número significativo é exatamente de Loulé (36 imagens), que correspondem, maioritariamente, a monumentos e edifícios públicos (edifício dos correios, cadeia, mercado, entre outros), bem como vistas da cidade.



Figura 2- Mercado de Loulé
(propriedade AFCME, cota DFT6256.1)

Nenhuma destas imagens está datada pelo autor mas a leitura das suas agendas leva-nos a supor que poderão ter sido tiradas por volta de 1938: *“Às 13:30 fui de camionete a Loulé onde fui por causa de uns assuntos fotográficos (...) andei pela vila com o Fera a observar certas perspectivas da vila para fotografar”* e *“(...) fui na camioneta a Loulé onde fui tirar umas fotografias à terra (...). Depois de ter dado bastantes voltas pela vila, ter ido 2 vezes à S^a da Piedade e subido à cúpula das ruínas do convento de S. António, regresssei a Faro (...).”*¹⁶. Esta suposição ganha força ao observarmos, por exemplo, uma imagem da Av. Engenheiro Duarte Pacheco, onde esta aparece ainda em obras¹⁷.

16. Agenda de 1938, entradas dos dias 11 e 20 de Março, respetivamente.

17. O alargamento desta avenida terá sido iniciado em 1934 (informação obtida através do site “Monumentos”: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11230)



Figura 3 – Obras na Av. 25 de Abril (antiga Av. General Carmona)
(propriedade AFCME, cota DFT7156)

Também o conjunto de imagens dedicado a uma procissão durante as festas de Nossa Senhora da Piedade poderão ser do mesmo ano, se atendermos à entrada do dia 1 de Maio de 1938: *“De manhã fui ao mercado e às 11:40 fui de camionete para Loulé, que está em festa por ser dia da procissão da S^a da Piedade e pela chegada dos combatentes da g. [sic] guerra do B.I.C.F que tem este ano o seu almoço de confraternização em Loulé na sala do Tribunal (...) fotografei aspectos do banquete e da procissão”*.

Merece destaque um documento constituído por 25 imagens que retrata o copejo do atum ao largo de Tavira em Junho de 1938. David Freitas terá acompanhado os pescadores para fazer esta reportagem, destacando-se a beleza e realismo das mesmas, quer ao nível dos pormenores quer do aparente movimento que reproduzem. Esta experiência é descrita pelo próprio na sua agenda desse ano: *“Levantei-me às 5,30; às 6 fui para a estação de c. ferro, onde tomei o comboio para Tavira em companhia do J. Lã: em Tavira reuniram-se várias pessoas e às 9 horas partimos num gasolina para a ilha de Tavira; daqui fomos sendo rebocados até à armação de atum e depois de várias fases, assisti a um copejo de atum de que fotografei algumas fases; é um espectáculo interessante e rico de movimento. De regresso à ilha almoçamos bifos de atum”*¹⁸.

18. Agenda de 1938, entrada do dia 5 de Junho.



Figura 4 – Copejo do atum ao largo de Tavira
(propriedade AFCME, cota DFT6360)

As restantes imagens sobre o Algarve incidem sobre os trabalhos nas salinas de Faro, aspectos de praias e vistas de cidades e monumentos (Tavira, Faro, Castro Marim, Quarteira e Boliqueime). Foi possível datar algumas destas imagens através da leitura das suas agendas, nomeadamente as referentes a Quarteira e Boliqueime, que julgamos terem sido efetuadas em Novembro de 1939¹⁹.

Para além das imagens pertencentes ao AFCME, é de supor que David Freitas tenha feito várias outras reportagens enquanto residiu em Faro. A leitura das suas agendas é especialmente rica para conhecermos esta fase da sua vida e revela-nos que era comum fotografar os grupos musicais a que pertencia ou com quem trabalhava - “(...) de tarde, na matiné do club, tiramos os do grupo de jazz, umas fotografias (...)”²⁰; os militares do seu batalhão, em momentos oficiais e civis, e as instalações do quartel - “Eu não fiz de manhã o serviço com a banda, por o comandante me pedir para me ocupar de tirar umas fotografias do general durante a sua inspecção à instrução de recrutas, o que fiz, a contendo do comando” ou “De tarde tirei uma fotografia à fachada do

19. “(...) às 14 fomos de automóvel a Boliqueime, onde fui fotografar o cemitério e a terra, seguindo depois para Quarteira onde tirei também alguns clichés” (agenda de 1939, entrada do dia 5 de Novembro).

20. Agenda de 1934, entrada do dia 12 de Fevereiro.

quartel por pedido do Conselho Administrativo do batalhão²¹; eventos públicos e/ ou oficiais, como "(...) a formatura dos Bombeiros Municipais quando o presidente da câmara passou revista aos seus fardamentos novos de cotim" e "Às 10 saí com minha esposa e filhos para ver-mos [sic] a missa campal e a entrega das bandeiras da 'Legião Portuguesa': a cerimónia foi solene e cheia de fé patriótica: tirei algumas fotografias"²²; eventos desportivos, ainda que não como fotógrafo oficial – "De tarde estive vendo na sede 'Sport Lisboa e Faro' dois desafios de Hokei e Basquet-Ball, tirando alguns instantâneos fotográficos" ou "(...) fui ver um desafio de futebol, para fotografar algumas poses"²³, entre retratos de familiares e amigos em casa ou em passeio.

Fazia, também, algumas reportagens e trabalhos encomendados por instituições governamentais – "Às 9 fui de camioneta até 'Marim' com o fiscal de obras públicas, Sr. Serra para tirar a convite deste umas fotos a um posto fiscal recentemente construído, para servir de estudo para o orçamento de fotografar os 6 postos que foram construídos no Algarve (...)"²⁴– incluindo a autarquia de Loulé²⁵ e conseguia vender trabalhos que fazia por conta própria: "(...) fui de bicicleta até Pechão, passei por Estoi, Campinas e cheguei ao sol posto a Faro; fui em busca de assuntos de amendoeiras para fotografar, havendo dificuldade na escolha por haver abundância de assuntos e os campos estarem lindos" e "De tarde fui à Comissão de Turismo por causa das fotografias que tirei às amendoeiras em flor. Vendi por 200\$00 cinco postais das amendoeiras, as deixei na 'Papellaria Silva' para ele as editar"²⁶.

Estas imagens constituirão uma importante fonte para o estudo da história local e para a preservação da memória das gentes e dos lugares. Desconhecemos o seu paradeiro, podemos apenas supor que se encontrarão na posse de familiares e amigos²⁷.

21. Agenda de 1936, entrada do dia 23 de Abril e agenda de 1938, entrada do dia 25, respetivamente.

22. Agenda de 1936, entrada do dia 26 de Janeiro e agenda de 1937, entrada do dia 23 de Maio, respetivamente.

23. Agenda de 1936, entradas dos dias 16 de Fevereiro e 21 de Junho, respetivamente.

24. Agenda de 1938, entrada do dia 5 de Agosto de 1938. David Freitas terá prosseguido com o trabalho de fotografar os postos fiscais algarvios: "(...) às 8 parti num barquito a remos até à ilha do Cabo de Stª Maria, onde fui fotografar o novo posto fiscal que ali foi construído; acompanhou-me o fiscal da Obras Públicas Sr. Serra que me incumbiu desse serviço" (agenda de 1938, entrada do dia 18 de Agosto). A 19 de agosto fotografa o posto do Ancão, a 20 de Santa Eulália, a 23 fotografa os postos de Torre de Aires e do Livramento e a 24 de Quarteira.

25. "Às 10:40 tomei a camioneta para Loulé, onde fui falar com o presidente da câmara S. José Guerreiro, por conta de umas fotografias dos melhoramentos camarários que ele quer eu tire" e "(...) às 10:40 fui para Loulé onde passei o dia tirando clichés e trocando impressões com o secretário e presidente da câmara sobre a organização do relatório da gerência, que é documentado com fotografias minhas dos melhoramentos feitos por esta vereação" (agenda de 1939, entradas dos dias 15 e 30 de Outubro, respetivamente); "Entreguei ao secretário da câmara o Sr. Raul Pinto os albuns fotográficos de aspectos da vila e de obras da câmara, num total de 82 clichés" (20 de Novembro de 1939). Segundo julgamos saber, este conjunto de imagens encontra-se na fototeca da Câmara Municipal de Loulé.

26. Agenda de 1938, entradas dos dias 4 e 8 de Fevereiro, respetivamente.

27. Do ponto de vista documental, os arquivos fotográficos privados têm um interesse acrescido já que nos permitem conhecer, em primeira mão, os testemunhos da ação criadora de determinada instituição, família ou indivíduo, contributo importante para o estudo da história social e cultural contemporânea. Salvador Benitez (2005) chama a atenção para o facto da conservação ou eliminação destes arquivos depender exclusivamente dos herdeiros, já que o desaparecimento da pessoa ou instituição criadora leva à perda da memória das pessoas ou acontecimentos fotografados. Esta situação, aliada ao frágil suporte de algumas espécies levou já ao desaparecimento de espólios de grande interesse.

Considerações finais

A digitalização é uma forma de potenciar a consulta e divulgação, prevenindo o manuseamento constante dos originais e facilitando o acesso e a pesquisa. Permite, ainda, reunir imagens que devido às suas condições físicas se encontram separadas. Hoje em dia aumentam as exigências por parte dos utilizadores e a apresentação de documentos escritos ou fotográficos com suporte em papel é largamente substituída pelo computador e pelos processos digitais. Neste sentido, o AFCME está a proceder à digitalização quase integral da coleção, com vista à sua disponibilização através de uma plataforma de descrição arquivística que permita juntar numa só base de dados as coleções e fundos dos arquivos da CME, nomeadamente o Arquivo fotográfico e o Arquivo Histórico e Intermédio. A implementação desta plataforma vai permitir a consulta autónoma por parte do utilizador, quer presencialmente quer *online*. Até à concretização deste objetivo, os utilizadores podem utilizar um banco de imagens *online* (“Projecto Memória”), onde é possível pesquisarem através das várias coleções já tratadas. Este banco de imagens não disponibiliza todas as imagens digitalizadas, tendo o AFCME optado por fazer uma seleção em função das imagens mais solicitadas, de maior qualidade técnica e artística e originalidade ou importância para a história da cidade. Mais recentemente, o AFCME criou uma página na plataforma Flickr²⁸, iniciando a atividade nesta rede social com a Coleção David Freitas.

A opção pela divulgação de conteúdos informacionais com acesso ampliado para além dos limites da instituição, disponibilizando-as na *web*, deve ter em conta a autenticação, identificação e a preservação da integridade dos registos. A representação digital da informação remete-nos para questões éticas, legais e sociais e ainda as difíceis questões da propriedade intelectual, da proteção da confidencialidade e da privacidade. Ainda assim, e como salienta Silva²⁹, a reformatação digital de acervos fotográficos e sua consequente disponibilização vão ao encontro das expectativas de um novo público e é natural que a implementação de sistemas digitais que ofereçam substitutos visuais para as fotografias depositadas em instituições traga efeitos significativos à própria coleção e ao seu uso.

28. O Flickr, criado em 2004, é uma plataforma *online* de gestão e partilha de imagens. Este espaço virtual é utilizado por várias instituições detentoras de documentação fotográfica para divulgação dos seus acervos. A página do AFCME no Flickr pode ser consultada em <https://www.flickr.com/people/arquivofotograficocme/>

29. Silva, R. (2006). Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. *Ciência Da Informação*, 35(3), 194–200. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000300018>

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Fotográfico CME | Flickr. (n.d.). Retrieved August 27, 2019, from <https://www.flickr.com/people/arquivofotograficocme/>

Monte, G. do. (1974). *Dicionário histórico e biográfico de artistas amadores e técnicos radicados em Évora*. Évora: Edição de autor.

Monumentos. (n.d.). Retrieved August 24, 2019, from http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11230

Pavão, L. (1997). *Conservação de Coleções de Fotografia*. Lisboa: Dinalivro.

Projecto Memória. (n.d.). Retrieved August 27, 2019, from <http://www.evora.net/cice/Memoria/home.asp>

Rosseau, J., & Couture, C. (1994). *Os Fundamentos da Disciplina Arquivística*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Salvador Benítez, A. (2005). Los archivos y el patrimonio fotografico: estrategias de gestión y difusión cultural. In P. AmadorCarretero, J. Robledano Arillo, & M. R. Ruiz Franco (Eds.), *Terceras Jornadas Imagen, Cultura y Tecnología* (pp. 47–58). Madrid: Universidade Carlos III, Editorial Archiviana. Retrieved from https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/8993/archivos_salvador_IDT_2005.pdf?sequence=1

Silva, R. (2006). Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. *Ciência Da Informação*, 35(3), 194–200. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000300018>